Resenha

*Daniel Santos**

THISELTON, Anthony C. **Hermenêutica: uma introdução**. Trad. Fabrício Tavares Moraes. Campinas, SP: Editora Aldersgate, 2022. 464 p.

A obra *Hermenêutica: Uma Introdução*, de Anthony Thiselton, foi traduzida para o português e publicada pela Editora Aldersgate em 12 de maio de 2022. A obra original em inglês foi publicada em 9 de maio de 2009 pela editora Eerdmans. Uma obra muito semelhante em escopo e abordagem (360 págs.), traduzida e publicada três anos antes pela Editora Peregrino, foi *Hermenêutica: Uma Introdução à Teoria*, de Stanley E. Porter. Em inglês, todavia, a obra de Stanley Porter foi publicada três anos depois e pela mesma editora Eerdmans. Na obra de Porter, Thiselton já foi tratado como assunto do penúltimo capítulo, comparando-o com Kevin Vanhoozer. A obra de Thiselton é organizada em 17 capítulos, contém uma extensa lista bibliográfica (30 páginas), além de contar com um índice remissivo (12 páginas) e um índice onomástico (8 páginas).

Segundo Thiselton, esse livro foi encomendado como um livro-texto sobre hermenêutica para os estudantes e os leitores em geral. Ele o baseou em quase quarenta anos de ensino da matéria, período no qual seus alunos o ajudaram a decidir quais perguntas, autores e assuntos precisam ser abordados. Para Thiselton, quase não existiam livros didáticos sobre hermenêutica na época em que ele recebeu a proposta da Eerdmans, exceto o de David Jasper, que era muito básico e breve. Mesmo entre as obras existentes, Thiselton lamentava que nenhum deles cobria Gadamer e Ricoeur adequadamente, além de não oferecer a variedade de autores e assuntos oferecidos em sua obra.

Com respeito à finalidade da hermenêutica apresentada nesta obra, Thiselton afirma: "A hermenêutica explora como lemos, entendemos e lidamos

* Doutor em Estudos Teológicos no Antigo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School, EUA (Ph.D., 2006); estudos pós-doutorais em Literatura Sapiencial do Antigo Testamento (Wycliffe Hall, Oxford, Inglaterra, 2014). É professor no CPAJ desde 2007.

com textos, especialmente aqueles escritos em outra época ou em um contexto de vida diferente do nosso. A hermenêutica bíblica investiga mais especificamente como lemos, entendemos, aplicamos e respondemos aos textos bíblicos" (p. 11). Até aqui, nenhuma novidade aparente; é isso que esperamos de um livro-texto da disciplina. O escopo do material, todavia, faz muita diferença.

A obra de Grant Osborne, *Espiral Hermenêutica: Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica* (2009), por exemplo, é também um livro-texto evangélico para interpretar as Escrituras, enfatizando um processo dinâmico e espiral de compreensão. O escopo do livro deixa claro que a obra é de natureza descritiva e prática. O mesmo se aplica à obra de Andreas J. Köstenberger e Richard D. Patterson, *Convite à Interpretação Bíblica – A tríade hermenêutica: história, literatura e teologia* (2019). Essa é uma obra ainda mais instrumental para a prática da interpretação. O escopo da obra de Thiselton é bem mais abrangente, envolvendo uma detalhada descrição analítica de cada autor, seguida de uma proposta construtiva.

Longe de ser apenas um livro descritivo, Thiselton nos ajuda a rastrear os pensadores e seus pensamentos, do início do século XIX em diante, principalmente após o trabalho de Schleiermacher (1768-1834), quando a hermenêutica se tornou mais do que uma disciplina acadêmica. Segundo ele, a hermenêutica pós-Schleiermacher precisa ser considerada sob cinco ângulos: (1) ela levanta questões bíblicas e teológicas; (2) ela levanta questões filosóficas sobre como chegamos ao entendimento e a base sobre a qual o entendimento é possível; (3) ela envolve questões literárias sobre tipos de textos e processos de leitura; (4) ela inclui questões sociais, críticas ou sociológicas sobre como interesses particulares, às vezes de classe, raça, gênero ou crença prévia, podem influenciar a forma como lemos, e (5) ela baseia-se em teorias de comunicação e, às vezes, em linguística geral, pois explora todo o processo de comunicação de um conteúdo ou efeito aos leitores ou a uma comunidade.

É obvio que Thiselton não fugirá às premissas básicas sobre a compreensão dos textos bíblicos, tais como a interpretação responsável que se baseia nos diversos recursos dos estudos bíblicos e o uso de uma boa introdução ao Antigo e ao Novo Testamentos. Porém, diz ele, "isso não pode ignorar as questões da teologia cristã e do cânon bíblico, especialmente no contexto da história da interpretação ou da recepção dos textos. É impossível separar uma série de questões teóricas sofisticadas em hermenêutica de problemas práticos que dizem respeito a quase todo mundo" (p. 24). Um exemplo do que ele chama de "questões teóricas sofisticadas" inclui: os significados dos textos são "construídos" pelos leitores ou são "dados" por meio da intenção autoral? Essa é uma questão complexa de teoria hermenêutica que Thiselton se propõe a resolver, na medida em que elabora sua descrição do pensamento dos autores tratados no livro.

Uma boa surpresa que a obra de Thiselton traz é o tratamento detalhado na interpretação de parábolas, como uma forma de exemplificar as limitações dos métodos interpretativos. John Barton, em *Reading the Old Testament*, fez a mesma coisa usando o livro de Eclesiastes. No caso de Thiselton, o exemplo da interpretação de parábolas permitiu boas análises no conceito do "mundo criado pela parábola" como um local para encontro, entendimento e visualização de coisas novas. A conclusão a que ele chega é a seguinte:

> O intérprete não deve generalizar sobre as parábolas. Para muitos, há um caso de interpretação histórica estrita, conforme proposto por Dodd, Jeremias e Linnemann. Há argumentos a favor de um uso cauteloso ou controlado da interpretação alegórica, da crítica de resposta do leitor e da interpretação existencial em algumas parábolas. A crítica literária é valiosa, mas dentro de limites e não às custas da teologia. Encontramos dificuldades quando se pensa que uma única abordagem é a chave para todas as parábolas de Jesus (p. 134).

Para os leitores latino-americanos, Thiselton apresenta, a meu ver, uma sólida e equilibrada análise da hermenêutica pós-colonialista, equilíbrio esse difícil de encontrar entre autores que são latino-americanos. Ele situa as contribuições de Gustavo Gutiérrez não apenas entre as lutas sociais da América Latina, mas também no contexto filosófico do qual a Teologia da Libertação fazia parte.

Stanley Porter, em *Hermeneutics: An Introduction to Interpretive Theory* (2011), avaliando as contribuições de Thiselton, afirma:

> De muitas maneiras, senão de todas as maneiras fundamentais, o clímax do trabalho de Thiselton é ver como sua hermenêutica teológica une vários horizontes – entre a Bíblia e a teologia, e entre o método hermenêutico e a prática doutrinária. Como Thiselton indica, a hermenêutica é uma atividade aplicada, na qual a compreensão é vista na prática formativa que é de natureza comunitária e pública, sendo pressuposicional na orientação. O ponto culminante de sua tentativa nessa direção é visto em sua *Hermenêutica da Doutrina*, que fornece tanto um modelo hermenêutico quanto discussões doutrinárias que crescem a partir de tal hermenêutica teológica (p. 256).

Eu creio que a releitura feita por Thiselton dos filósofos que contribuíram para o estado da hermenêutica hoje é, no mínimo, uma boa alternativa. Cada um aprende de maneira diferente; cada um aprecia o modo pelo qual diferentes autores explicam o pensamento desses filósofos. Thiselton oferece uma grande contribuição para os leitores de fala portuguesa que não podem acessar outras obras com o mesmo escopo. Com o escopo descritivo que encontramos nessa obra, o leitor poderá se aprofundar de forma mais consciente em cada um dos temas que os filósofos, ao longo das gerações, usaram para construir seus pressupostos.

Em alguns pontos, como por exemplo em Paul Ricoeur, o leitor irá perceber que a habilidade descritiva de Thiselton atinge seu limite e não consegue nos ajudar a compreender a discussão em questão. Thiselton não dialoga com os filósofos, ele descreve o pensamento deles. Isso, a meu ver, pode ser um ponto fraco a ser considerado, especialmente para os leitores que não têm acesso às fontes primárias desses filósofos.